



Alexandrina Maria de Macedo  
Fotografia cedida por Rodrigo de Macedo França, 2023

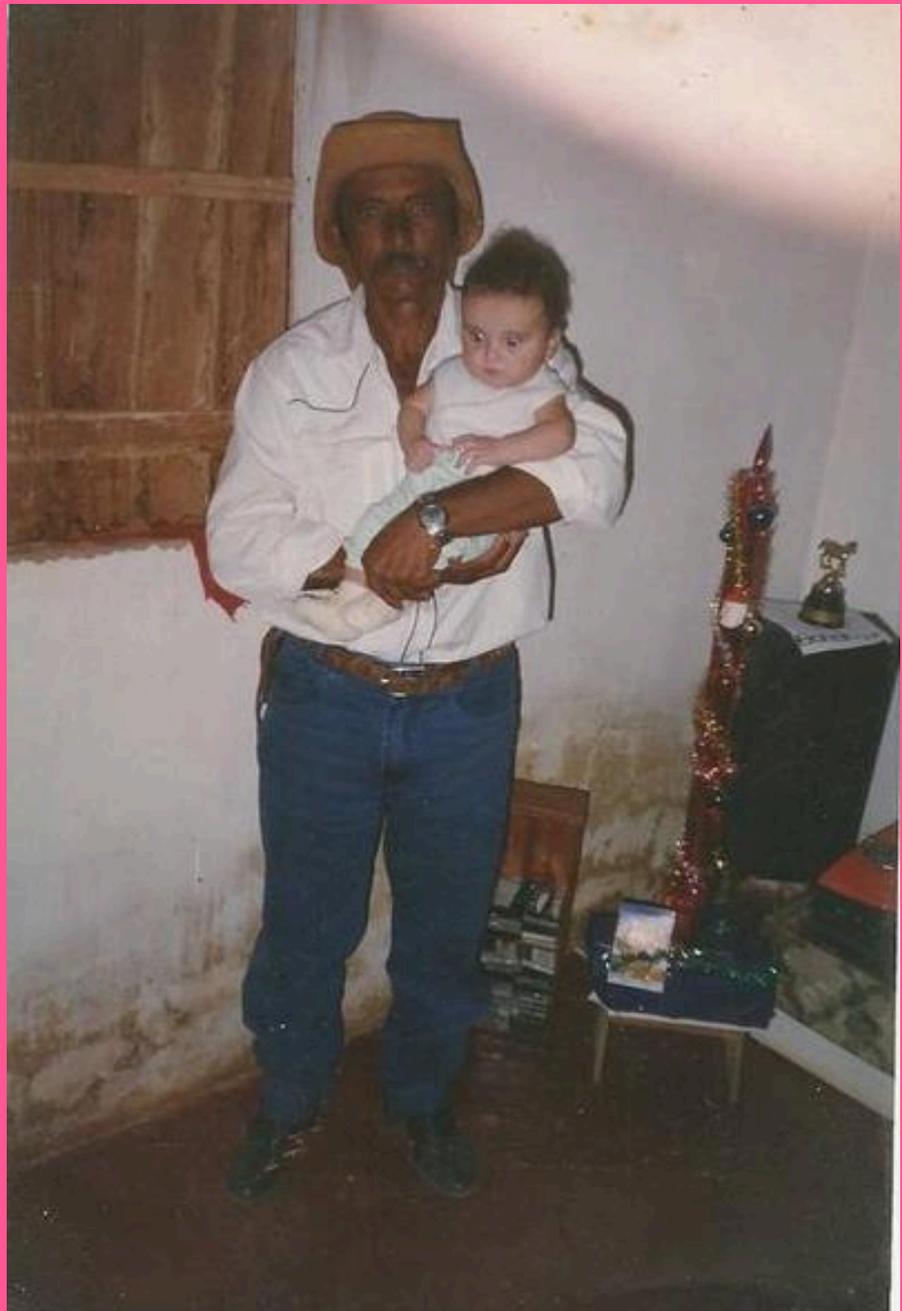
## Minha Ancestralidade

Rodrigo de Macedo França

Carrego em minha vida, ancestrais que foram e ainda são fortes, persistentes e lutadores – tanto para sua existência, como na luta por direito e igualdade para todos.

Tenho histórias contadas pela minha bisavó Alexandrina, com 96 anos de idade, viva e lúcida, mora em Bendegó BA, e nos encontros familiares, sempre nos contou da participação do seu avô na guerra, pois ele trabalhava na cidade de Canudos e quando iniciou a guerra ele não conseguiu sair da cidade e durante quase um mês ele vivenciou a crueldade daquela guerra.

Além da minha bisavó Alexandrina, tenho meu avô, Luiz Macedo, conhecido por todos como Luiz Pinto – morto cruelmente na porteira de sua fazenda, na cidade de Euclides da Cunha BA. Era uma pessoa bondosa, e muito conhecido na região, principalmente por ser um grande vaqueiro. Andava encorado (vestido com roupas de vaqueiro, em couro puro), em seu cavalo. Participava de vaquejadas, argolinhas e cavalgadas.



*Luiz João de Macedo  
(Luiz Pinto) \*falecido  
Fotografia cedida por  
Rodrigo de Macedo  
França, 2023*



Ainda vivas e lúcidas,  
tenho minhas duas  
avós, Maria Alice e  
Maria de Lourdes –  
mulheres fortes,  
guerreiras e atuantes.  
Vez ou outra  
Lourdes pega a  
enxada e tenta  
cavoucar a terra do  
seu terreiro e Alice se  
pega dançando  
quando escuta um  
forró.

*Maria de Lourdes Dias de França.  
Fotografia cedida por Rodrigo de Macedo França, 2023*

Durante minha vida acadêmica de escritor, produzi um texto poético que expressa minhas lembranças e sentimentos da infância vivida com meus familiares.

#### A CASINHA

Era uma casa muito engraçada,  
tinha teto e não faltava nada.  
Todo mundo entrava nela, sim,  
porque chão tinha ali.  
Todo mundo podia dormir na  
rede, porque nessa casa, também,  
tinha parede.  
Todo mundo podia fazer xixi,  
porque pinico não faltava ali.  
Era feita com muito avexo, no  
povoado de Araçás, na cidade de  
Euclides da Cunha – Bahia.  
Há... Como o tempo passa...



*Maria Alice Pontes Moura.  
Fotografia cedida por Rodrigo de Macedo França, 2023*

Quanta saudade que no peito dói e maltrata, deixava-me triste, pensativo e ansioso para o encontro.

Encontro que só era possível após passar por aquelas estradas escuras, cheias de mato e com a poeira levantada pela carreira dos carros que por lá passavam; de chegar ao povoado, atravessar a porteira de madeira, presa por um fio de arame; correr pelo terreiro de terra vermelha, dourada pelo sol escaldante do dia, e assim, chegar naquelas paredes amareladas, com a porta verde, simples a madeira, dividida em duas partes - fechadas com um prego por dentro, mas segura pela fé e proteção de Deus e da virgem Maria, a quem tanta veneração e confiança lhes prestam quem lá habitava. Ao abri-la, a encontrava alegre e sorridente, de braços abertos para receber-nos a contento.

Nesse momento o amor exalava, a saudade se acabava e a alegria se refazia. Beijos eram roubados, bênçãos pedidas e dadas e as notícias de todos que ficaram eram contadas. A noite perdurava e o dia no horizonte apontava, sendo anunciado pelo galo que com forte gogó cantava: cucurucucu...

No espetáculo do amanhecer da roça, o cheiro de café nas ventas nos tocava e o cuscuz, quentinho, nos alimentava, assim, nos remetia às memórias da infância - sofrida, polida, mas feliz; onde o galo cantava, a galinha ciscava e os pintinhos piavam; as crianças sob o sol escaldante brincavam, enquanto o almoço se preparava cozidos em panela e caçarola, com água que do tanque se tirava e que também, com elas, se enchiam os filtros e as talhas de barro.

Os dias se passavam, encontros e reencontros aconteciam e assim se alongavam dias e dias, mas logo a partida se aproximava e a tristeza voltava a assombrar. Lágrimas tomavam o rosto e revelavam novamente a dor da despedida - ambas as partes sofriam, mesmo contidas, mas sabendo que o amor existia para além da distância em que viviam.

Mãe Lourdes sempre estava e estará esperando de braços abertos, em sua casa engraçada que tem teto e não falta nada: nem chão, nem parede, nem rede ou pinico e principalmente, amor e acolhida.



*Sem título. Fotografia cedida por Rodrigo de Macedo França, 2023*